

A partir da metade de 1921, são criadas *squadre* inclusive nas cidades. Inicialmente em Trieste, onde o problema nacional é mais agudo, depois em outras cidades onde as forças estão mais tensas. As *squadre* se criam segundo o modelo do campo. Em Turim, após a ocupação das fábricas<sup>11</sup>; na Emilia, ao contrário, o fascismo já possuía àquela época fortes organizações.

Em fins de 1920 a burguesia intervém, mesmo nas cidades, como elemento de organização e se criam os grupos fascistas. Na-quele momento se abre uma série de crises; a crise dos dois primeiros anos.

Sobre o que discutem? *Somos um partido?* É o problema do Congresso de Roma, do Congresso do Augusto: devemos nos tornar um partido. Mussolini: continuamos ainda a ser um movimento. Mussolini se esforçava por manter unidas as mais amplas massas possíveis e é por isso que ele sempre gozou de maior aceitação. A luta se travava entre os elementos que queriam liquidar abertamente as organizações da classe operária e aqueles nos quais ainda eram fortes os resíduos das velhas ideologias.

Mussolini traiu o movimento dannunziano<sup>12</sup>, que podia ser perigoso. Em 1920, assume uma atitude de simpatia para com a ocupação das fábricas, mas em seguida muda completamente. Ocorrem então os primeiros contatos abertos entre o movimento fascista e a organização dos industriais. Inicia-se a ofensiva, que durará dois anos, até a Marcha sobre Roma.

*Interviera o elemento de organização: os proprietários rurais deram a forma de organização "squadrista" e os industriais aplicaram-na em seguida nas cidades.*

Desta análise pode-se deduzir a justeza do que afirmávamos sobre dois elementos, sobre as forças da pequena burguesia e sobre o elemento de organização constituído pela grande burguesia.

Veremos como os dois elementos influíram um sobre o outro.

11. Referência aos acontecimentos de agosto-setembro de 1920, quando fábricas de Milão e de Turim (onde funcionavam os conselhos da-fábrica, sob a direção de Gramsci) são ocupadas por operários. Após um acordo com Giolitti, as fábricas são voluntariamente desocupadas, poucos meses depois.

12. Movimento chefiado pelo poeta *Gabriele D'Annunzio* (1863-1938), nacionalista convinto, que em 12 de setembro de 1919 ocupou o porto de Fiume (então sob a proteção da Sociedade das Nações) e proclamou sua anexação à Itália. Os "legionários" de D'Annunzio desafiaram abertamente o governo Nitti até 25 de dezembro de 1920, quando abandonaram a cidade após a chegada do exército regular (*Narale di sangue*). Durante a ocupação, D'Annunzio aceitou a idéia de conquistar Roma e de ajudar os "povos oprimidos" de outros países, e promulgou uma constituição, a "Carta de Quarnero". Após a Marcha sobre Roma, muitos de seus legionários converteram-se em antifascistas e, mais tarde, o próprio D'Annunzio renunciou à atividade política, voltando-se definitivamente para a poesia.

Na primeira parte de nossa lição, como vocês recordam, procuramos dar uma justa definição do que é o fascismo, com base nos documentos da Internacional e com base na experiência italiana. Procuramos focalizar os elementos fundamentais da ditadura fascista, destacando como elementos fundamentais o seu caráter de classe, o fato de ser ela a expressão dos elementos mais reacionários da burguesia, e insistindo também sobre um segundo elemento, constituído pelo movimento de massa pequeno-burguês que esta ditadura conseguiu atrair para si.

Toda a lição foi dedicada a combater os erros existentes a respeito do fascismo, em decorrência dos quais não se vê o fascismo em seu desenvolvimento, já que não se examinam os vários elementos e as relações que entre eles se interpoem.

Uma parte da lição foi dedicada à função da ideologia fascista, que apontamos como sendo uma ideologia confusa e eclética, que serve para conservar unidas as camadas da pequena burguesia que fazem parte do movimento de massa fascista.

Alertamos contra os erros de esquematismo. E hoje desejo começar alertando mais uma vez contra estes erros, atendo-me a um dos problemas da história do fascismo na Itália.

É um grave erro acreditar que o fascismo tenha partido de 1920, ou da Marcha sobre Roma, com um plano preestabelecido, fixado com antecedência, de constituir um regime de ditadura, tal como este regime se organizou depois ao longo de dez anos e tal como nós o vemos hoje. Seria um grave erro.

Todos os fatos históricos do desenvolvimento do fascismo contra-dizem tal concepção. Mas não só isso: partindo-se desta concepção, cai-se inevitavelmente na ideologia fascista; aceita-la significa que de um modo ou de outro se está sob a influência, direta ou indireta, do fascismo. De fato, são os fascistas que procuram fazer ver que

tudo aquilo que têm feito, têm sido feito com base em planos preestabelecidos.

Isto, como já dissemos, não é verdade. Entretanto, é importante deter-se nisto, para aprender a combater o erro, pois combatendo-se este erro combate-se também possíveis desvios no campo político.

A esta concepção errada devemos contrapor a verdadeira, a justa concepção da ditadura fascista. A ditadura fascista foi impelida a assumir as formas atuais por fatores objetivos, por fatores reais: pela situação econômica e pelos movimentos das massas determinados por esta situação. Com isto, não queremos dizer que não interveio o fator de organização. Mas não podemos nos limitar a ver este último elemento sem nos voltarmos para a situação objetiva, para a situação real criada num determinado momento. A burguesia sempre interveio como fator de organização.

Se não fazemos isso, não conseguimos determinar com exatidão as perspectivas políticas e fixar a linha de ação que devemos conduzir, a linha sobre a qual se deve desenvolver a ação do partido. Vocês compreendem a importância disso: se num determinado momento um movimento de massa tivesse intervindo de um outro modo, a ditadura teria assumido formas diversas.

Se durante a crise Matteotti as massas tivessem intervindo de um modo diferente, a situação teria tomado indubitavelmente outros desenvolvimentos. Vemos isso também hoje: quando o nosso partido intervem de forma mais ativa, força o fascismo a colocar-se certos problemas: modificação da estrutura sindical, anistia, problema dos *fasci juvenis*, reorganização do Partido Nacional Fascista, tentativas de compromisso com a social-democracia, etc.

Todas estas posições tomadas pelo fascismo são reações aos movimentos das massas. Se não se vê isso, cai-se inevitavelmente, caso já não se esteja, sob a influência do fascismo e no pessimismo revolucionário. Este pessimismo revolucionário está muito difundido, na Itália, entre as camadas da pequena burguesia, que aceitam e reconhecem que o fascismo devia forçosamente seguir este caminho, que o caminho que o fascismo tomou não podia ser outro, tinha inevitavelmente que ser aquele.

Devemos combater este modo de ver, porque é apenas combatendo-o que podemos apreciar como as perspectivas de desenvolvimento do fascismo estão ligadas às perspectivas da situação econômica e às da luta de classes.

As perspectivas de desenvolvimento do fascismo não estão hoje encerradas, não marcham sobre uma via preestabelecida. Hoje, como sempre, estas perspectivas estão ligadas às perspectivas da situação econômica e da luta de classes.

Documentemos isto. Insistiremos sobre isto durante todo o curso, pois ai de nós se considerarmos como fixas, estáveis, duradouras, permanentes, as perspectivas atuais do fascismo! Devemos ter sempre presente que o aparato estatal nada mais é do que uma superestrutura política derivada das relações de classe.

Tomemos como ilustração o desenvolvimento do fascismo na Itália.

Dividirei este estudo em três períodos: primeiro período, o fascismo até a Marcha sobre Roma, até o final de 1922; segundo período, aquele que vai de 1922 a 1925 e que se pode definir como o período da tentativa de criar um regime fascista não totalitário; por fim, o terceiro período, que vai de 1925 a 1930 e que é o período da criação do totalitarismo e da entrada na grande crise econômica.

No período que vai até a Marcha sobre Roma, o caráter mais evidente é a ausência de qualquer programa definido do fascismo. Se vocês procurarem as sucessivas posições tomadas entre 1919 e 1922, verão que estas posições variaram continuamente. Vocês conhecem a situação deste período, da qual já falamos. Destaquemos mais uma vez alguns elementos: crises revolucionárias profundas, derrocada completa das instituições políticas fundamentais, descontentamento geral, particularmente das grandes massas operárias e camponesas, e tendência à confluência, no sentido da formação de um bloco, das forças operárias e camponesas revolucionárias que tendem a uma mudança da situação.

Qual é, neste momento, o programa da burguesia para salvar-se? Nos diversos momentos, ela adota diversos programas.

O primeiro programa é o de Nitti<sup>13</sup>, um típico representante do capital financeiro. Nitti é o homem dos grandes bancos, é aquele que organizou o maior banco italiano, o Banco de Descontos. Mas Nitti é também o homem da democracia mais progressista, mais avançada. Em seu programa, encontramos a união de dois elementos: o predomínio do capital financeiro e um programa de democracia; dois elementos à primeira vista contraditórios: o primeiro é favorável ao capitalismo financeiro e o outro é um elemento muito avançado de demagogia social.

O que representa este programa? Representa a tentativa da burguesia de encontrar uma saída para a situação. Nitti previa uma transformação profunda da sociedade; não excluía a passagem a for-

13. *Francesco Saverio Nitti* (1868-1953): importante político "meridionalista" (do sul) e figura de destaque na vida política italiana do século XX. Presidente do Conselho de Ministros em 1919-20, opôs-se ao fascismo e foi por ele forçado ao exílio. Retornou à Itália após a Segunda Guerra e retomou a atividade política.

mas de governo republicano, não excluía a assembléa constituinte. Não excluía a colaboração não apenas com os *popolari*<sup>14</sup>, como também com os socialistas.

Nitti dava continuidade à política de fazer concessões a determinados grupos com a intenção de corrompê-los, mas procurava ampliar esta política, procurava nela incluir forças mais avançadas.

Nitti havia criado a Guarda Real, cedendo à vontade dos elementos mais reacionários da burguesia; posteriormente, iria apoiar-se nesta Guarda Real. Mas, ao mesmo tempo, namorava a social-democracia, discutia suas medidas avançadas no campo econômico, etc.

Confrontem seu programa com o programa dos *fasci di combattimento* que estava na origem do fascismo, com o programa de 1919, da Praça San Sepolcro. Quase todos os pontos coincidem. O programa dos *fasci* é um programa republicano, o de Nitti fala bastante em república; o programa dos *fasci* fala em assembléa constituinte e Nitti não a exclui; fala em medidas anticapitalistas (tais como, impostos progressivos sobre os capitais, etc.), medidas com as quais Nitti também acenara.

Vocês vêem nisso a tentativa feita pela burguesia italiana, em 1919 e até nos primeiros meses de 1920, de sair da crise com manobras políticas bastante avançadas, tentativa essa que encontra seu reflexo no programa dos *fasci di combattimento* de 1919.

O plano de Nitti, entretanto, falhou, não foi realizado. A situação era tal que tornava impossível sua aplicação. O plano chocava-se contra uma série de elementos contraditórios, e devia inevitavelmente deter-se frente a barreiras políticas insuperáveis.

No fundo, entretanto, quem fez com que o programa de Nitti naufragasse foi o proletariado, foram os camponeses do Sul (*Mezzogiorno*). Estas massas, em favor das quais a burguesia tentava manobras reformistas avançadas, colocavam problemas ainda mais avançados: colocavam o problema do poder, o problema da ocupação das terras, etc. Os trabalhadores agrícolas da Emilia, região na qual os sindicatos tinham então alcançado o máximo de seu desenvolvimento, colocavam problemas que abalavam as bases da propriedade privada no campo, abalavam todas as bases sobre as quais apoiava-se a sociedade. O programa de Nitti era um programa utópico, um programa que estava condenado inevitavelmente ao naufrágio.

A burguesia fez então uma outra tentativa. A segunda tentativa feita pela burguesia após a guerra foi a de sair da situação com Giolitti. Giolitti era um velho estadista da burguesia. Durante a guerra fora um traidor derrotista... Também havia assumido posições quase republicanas, como por exemplo no discurso de Dronero, no qual propusera modificar a Constituição para impedir ao rei

14. Os *popolari* eram os militantes do *Partito Popolare*.

o direito de declarar guerra. Todavia, ele fora o homem mais fiel à Monarquia, aquele que, pode-se dizer, organizara esta Monarquia no sentido moderno. Entretanto, ele também tendia a assumir posições republicanas.

Mas o programa de Giolitti é um pouco diferente do de Nitti. Giolitti chegava ao poder quando o programa de Nitti já tinha enfim falido.

Neste programa vocês encontram dois elementos. Nele se vê a importância do fascismo e a importância de agarrar-se a ele como movimento armado para esmagar o proletariado. Por outro lado, há o plano de esmagar o Partido Socialista: expulsar os revolucionários, isolar os reformistas e prendê-los ao governo.

O programa de Giolitti, tal como ele tentou aplicá-lo em 1921 e até no início de 1922, era um programa político de colaboração parlamentar das velhas forças das classes dirigentes reacionárias com os dois grandes partidos surgidos após a guerra: o Partido Socialista e o Partido Popular. Mas, como vimos, apoiava-se também sobre o movimento fascista considerado como movimento armado voltado para o esmagamento das fortalezas proletárias.

Pode-se dizer que a fórmula de Giolitti é semelhante à fórmula do *Stampa* de Turim: lembra-nos um ministério Giolitti-Mussolini-Turati<sup>15</sup>.

O que ocorre neste momento? As camadas decisivas da burguesia italiana percebem a impossibilidade de sair da situação sem uma luta armada. Após a ocupação das fábricas, aderem ao fascismo. Este é a base política e social do programa de Giolitti: uma tentativa de sair da situação com formas deste tipo.

O que faz neste período o Partido Fascista? Observem atentamente e verão nele as próprias deslocções da burguesia. O programa dos *fasci di combattimento*, de 1919, começa a ser colocado de lado. O fascismo entra no parlamento como partido político e Mussolini intervem neste parlamento com um discurso completamente revolucionário: prevê um governo de colaboração com os socialistas.

A linha sobre a qual se orienta o fascismo é a linha das frações decisivas da burguesia. Neste momento, vocês vêem que as decisões são sempre tomadas por essas expressivas frações da burguesia. As formas podem mudar, mas a substância é a mesma.

Esta situação encontra sua expressão política no pacto de pacificação. Mussolini luta no interior do Partido Fascista pelo pacto

15. *Filippo Turati*: (1857-1932): fundador do PSI e da revista *La Critica Sociale*, que seria o órgão das idéias da II Internacional na Itália. Foi o líder da ala mais diretista do PSI e, em 1922, a fração por ele chefiada foi expulsa do partido.

de pacificação com os socialistas. Os socialistas, sob a pressão da ala direita e com a saída dos comunistas do partido<sup>16</sup>, aceitam o pacto. Mussolini o assina e sob este pacto vocês podem encontrar as assinaturas dos elementos mais destacados do movimento socialista.

Entretanto, também estes planos, também o programa de Giolitti falhou. Por que? Porque interveio o mesmo fator que levou à falência o plano social de Nitti: intervieram as massas. Ao plano de Giolitti corresponde, nas massas, um desencadeamento da contra-ofensiva, a resistência à ofensiva do fascismo; surgem os *Arditi del Popolo*<sup>17</sup>, que tiveram uma importância política fundamental; representaram um dos elementos que desmantelaram o plano giolittiano.

O pacto de pacificação teve vida breve. Os proprietários rurais, a grande indústria pesada, as finanças, intervieram para desmantelar o pacto de pacificação. Os nacionalistas, mais intransigentes do que Mussolini, exigiram uma luta a fundo para desmantelar as organizações proletárias.

O plano, por isto, se desmanchou. Os direitistas do Partido Socialista não podiam chegar ao poder. Consequência direta de sua ascensão ao poder teria sido o seu isolamento, pois acabariam por se encontrar separados dos milhões de partidários da Confederação Geral do Trabalho<sup>18</sup>. Os trabalhadores os teriam abandonado e eles então, no governo, representariam apenas a si próprios. Quando Turati vai ao Quirinal<sup>19</sup>, está reduzido a um trapo. Não representa nada, não representa uma força, mas a impotência.

Fracassado este plano, resta apenas uma alternativa: a Marcha sobre Roma. Com isto, vemos como não passam de histórias as

16. Em janeiro de 1921, no Congresso do PSI em Livorno, a fração comunista de Gramsci, Bordiga, Togliatti, Bombacci, é excluída do partido, em função de cisões internas. No mesmo local, alguns dias depois, os comunistas reúnem-se e celebram o congresso de fundação do Partido Comunista Italiano (PCI).

17. Os *Arditi del Popolo* começaram a se organizar como movimento político-militar em 1919 e realizaram sua primeira manifestação pública em julho de 1921. Reagrupavam antigos *arditi* (audazes), membros das tropas de choque do exército italiano na Primeira Guerra, que conservaram suas armas e seus uniformes. Algumas vezes, com o apoio popular, os *Arditi del Popolo* chegaram a entrar em combate armado com as *squadre* fascistas, opondo-lhes séria resistência (Parma, agosto de 1922). Muitos comunistas, apesar do veto do PCI, chegaram a colaborar com a organização.

18. A *Confederazione Generale del Lavoro* (GGL), de tendência reformista, foi fundada em 1908.

19. O Quirinal, antiga residência de verão dos papas, era, desde 1870, a residência oficial dos reis da Itália. Turati foi chamado ao Quirinal pelo rei em 29 de julho de 1922 — em meio à crise provocada pela polémica em torno da participação dos socialistas no governo — para ser consultado sobre a formação de um novo gabinete. Turati manifestou-se em favor de um governo "centrista", do qual ficassem excluídos os socialistas e as direitas.

afirmações daqueles que dizem que a Marcha sobre Roma foi feita também contra uma parte da burguesia, que os generais estariam dispostos a abrir fogo, etc. Isto não corresponde à verdade.

Houve, é verdade, uma grande luta no interior da burguesia, um grande partido se impôs contra o retorno de Giolitti ao poder. Mas esta luta entre as frações da burguesia era apenas uma expressão da luta das massas.

Na Marcha sobre Roma, as frações decisivas da burguesia — o banco, a grande indústria, o Estado-Maior — encontram-se já no terreno do fascismo. Até mesmo a Monarquia já se encontrava neste terreno, pois o problema do fascismo já tinha sido colocado e resolvido na Corte. O Vaticano também apoiava o fascismo. As frações decisivas, portanto, tinham chegado a um acordo. Sua linha era a linha do fascismo.

No Partido Fascista verificou-se, então, uma série de modificações bastante grandes. A principal foi, sem dúvida, a da liquidação da prejudicial republicana. Esta prejudicial foi liquidada no discurso de Udine, ou seja, a três semanas da Marcha sobre Roma. O Partido Fascista apresenta-se como um partido de governo na situação italiana deste momento.

Entretanto, a ofensiva tinha se desencadeado contra os pontos decisivos da resistência proletária e os tinha desmantelado. As fortalezas proletárias da Emília e da Toscana foram arrasadas. As comunas socialistas foram, em sua grande maioria, vencidas. O movimento revolucionário das minorias nacionais foi completamente vencido em Trentino, enquanto em Trieste desencadeava-se o terror mais desenfreado. As posições decisivas para a força do movimento proletário italiano estavam, portanto, derrotadas. E, para a burguesia, não havia nenhuma saída, nenhuma outra força organizada da burguesia podia mais apresentar um outro plano.

Qual podia ser este outro plano? Apenas um: apenas a luta revolucionária do proletariado. Esta era a única solução. Tínhamos aberto possibilidades bem maiores do que aquelas que desfrutávamos. Basta ver, por exemplo, os *Arditi del popolo*. Mas então, no momento da Marcha sobre Roma, as relações de força nos eram já claramente desfavoráveis.

Uma política melhor e mais justa do Partido Comunista nos teria aberto maiores possibilidades, poderia ter aguçado a luta. Uma política do Partido Comunista que tivesse podido e sabido unir todas as massas descontentes, inseri-las numa ampla frente de luta, poderia sem dúvida ter mudado a situação e reaberto as possibilidades de crises revolucionárias.

Mas, naquele dado momento, as relações de força nos eram desfavoráveis.

Mas por que apontei para este problema? Fiz isso para referir-me a tudo o que disse no início e para ilustrá-lo: não se deve jamais considerar como definitivamente jogada a partida com o fascismo. Vejam o 6 de fevereiro em França. Qualquer um poderia ter afirmado que a partida já tinha sido jogada. O partido foi surpreendido pela situação. Mas logo se recuperou, e com uma hábil política de frente única soube colocar-se à testa das massas populares, dar-lhes um impulso, levá-las à luta contra o fascismo, criar uma barreira aos avanços do fascismo.

Jamais devemos esquecer isto: toda vez que o Partido Comunista consegue encontrar no fascismo uma fenda, uma fissura, deve nela introduzir uma cunha, a fim de tornar a situação novamente instável e reabrir assim as possibilidades de luta.

Qual é o programa do fascismo após a Marcha sobre Roma? Neste momento, abre-se no Partido Fascista um novo período: o período da tentativa de criar um regime fascista não totalitário.

Quando Mussolini, após a Marcha sobre Roma, foi encarregado de constituir o ministério, não pensou nem por um momento em formar um ministério todo de fascistas. Formou um ministério de colaboração parlamentar, oferecendo postos até aos socialistas.

Lembro-me de ter um dia conversado, no Parlamento, com Buozzi e Baldesi<sup>20</sup>. "Mussolini — disseram-me — nos convidou para entrar no Gabinete. O que fazer? Estamos sob o bastão do inimigo, devemos aceitar". Se não entraram no Gabinete, o mérito não foi deles; foi a burguesia que não permitiu. O plano giolittiano de colaboração estava completamente superado.

Contra a tentativa de fazer participar os socialistas do governo intervieram, de um lado, os quadros intermediários do Partido Fascista, os *squadristi*, e, de outro, os nacionalistas, que representavam os elementos mais reacionários da burguesia.

Mas a tentativa foi feita. E, vejam bem, ela naufragou, faliu, diante de uma série de dificuldades objetivas e de problemas reais, para cuja solução o fascismo devia dar mais alguns passos na organização de sua ditadura.

Estamos em 1922, 1923, 1924. Aproximámo-nos da estabilização relativa. Todos os problemas da estabilização relativa põem-se na Itália. O que deve fazer o fascismo? Ele nada mais pode fazer do que cumprir as ordens de seu patrão, da burguesia. Abre-se a primeira crise, que neste período estará sempre presente. É uma crise provocada pelos contrastes entre a política do fascismo e a

base de massa originária. Os quadros, a base, conservavam uma devoção ao velho programa, ou partiam de concepções da tomada do poder que não eram as da burguesia.

Tomem os *arditi*, os centuriões, os desqualificados (*spostati*), os oficiais. Como grupo social, esperavam há muito a tomada do poder. O poder conquistado teria que ser o seu poder. Estes eram grupos alimentados pela concepção utópica segundo a qual a pequena burguesia pode chegar ao poder e impor leis ao proletariado e à burguesia, organizar a sociedade com planos, etc.

Quando o fascismo chegou ao poder, esta concepção teve que ser rompida pela realidade. Os primeiros atos do fascismo no poder foram as providências econômicas em favor da burguesia. Aqui, não se deve simplificar muito. Não se atacou repentinamente os salários. Nem mesmo na Alemanha, até hoje, se desencadeou em grande escala o ataque contra os salários. Por que? Porque a burguesia não pode enfrentar todos os problemas ao mesmo tempo. Frente à burguesia colocava-se então o problema da reorganização do aparato estatal, de frear o descontentamento da pequena burguesia, que fazia sempre novas exigências e irrompia no aparato do Estado; colocava-se ainda o problema da massa trabalhadora, que fora derrotada mas que poderia recuperar facilmente as forças sob o impulso da ofensiva da burguesia.

No primeiro momento, a burguesia procurou evitar a intervenção da luta de classes, procurou evitar que este elemento viesse e se tornasse um elemento predominante. Ela foi auxiliada pela estabilização, no sentido de que encontrou certas possibilidades de resolver determinados problemas econômicos. Foi destruído o aparato de guerra, o que liberava braços para a indústria, foram destruídas todas as restrições do período anterior, dando a mais ampla liberdade ao capital, favorecendo as iniciativas do capital, etc.

O fator objetivo que permite ao fascismo enfrentar os vários problemas sem aguçá-lo o problema de classe com uma ofensiva contra os salários, consiste exatamente no fato de que sua caminhada para o poder coincide com o início da estabilização, com um período de melhoria da situação econômica italiana, com um período de ascensão.

Entretanto, este é para o fascismo o período mais difícil. Mais difícil porque é neste período que se abrem as contradições entre o programa do fascismo e as aspirações da massa da pequena burguesia ligada ao programa originário. Como se manifestaram estas dificuldades, estas contradições, no primeiro ano?

Manifestaram-se com o pulular de movimentos de oposição fora do campo fascista, movimentos que tendiam a reunir em torno de si as forças da pequena burguesia, inclusive as que estavam no

20. Bruno Buozzi: membro da ala direita (Turati) do PSI; Gino Baldesi: dirigente da CGIL,

campo do fascismo, que é obrigado por isto a conduzir uma luta contra estes movimentos. Se os tolerasse, veria profundamente abaladas as bases de massa.

O fascismo encontra-se, em primeiro lugar, frente ao Partido Popular. Este partido é o primeiro inimigo contra o qual ele deve dirigir seus golpes. No governo, havia ministros *popolari*, que assumem abertamente posições de oposição. Posteriormente, deve combater outros grupos e partidos que se tinham constituído e assumiam uma posição de aversão ao fascismo. Estes grupos e partidos tinham uma sólida base nas camadas da pequena e da média burguesia, que haviam sido particularmente golpeadas pelas medidas tomadas pelo fascismo, medidas estas que iniciaram a concentração e arruinaram os pequenos proprietários, aumentavam o peso dos impostos sobre os pequenos camponeses, etc. O descontentamento torna-se neste momento particularmente grave, chega até os limites do Partido Fascista e penetra inclusive em seu interior. Ele é a soma de dois elementos: o descontentamento e a dificuldade de apossar-se até o primeiro momento do aparato do Estado e de fazê-lo marchar como deve, substituindo os velhos homens. Destas dificuldades nasce a crise Matteotti <sup>21</sup>.

Na crise Matteotti, inicialmente, a classe operária não se apresenta como fator dominante. Uma série de fatos demonstram isto. O fermento, por exemplo, é maior no *Mezzogiorno*, em Roma, em Nápoles, do que em Turim. Apenas mais tarde a classe operária intervém, recuperando as forças e tornando-se o elemento dominante. Só em 1925-1926 é que o nosso partido lança-se em frente e torna-se verdadeiramente uma vanguarda.

Por que? Porque também aqui a situação objetiva, o caráter da estabilização do capitalismo italiano, se evidencia plenamente. Inicia-se a ofensiva contra os trabalhadores, o ataque aos salários, há um aumento do desemprego, um aumento do custo de vida; particularmente, inicia-se neste momento, com maior intensidade, o processo de concentração da economia, da produção, e a sua centralização. Com base nesta concentração, as classes dirigentes da burguesia iniciam o processo mais avançado de unificação, a partir da unidade na ofensiva mais aguda contra as organizações da classe operária.

21. O deputado e dirigente socialista Giacomo Matteotti foi assassinado em circunstâncias dramáticas em junho de 1924, após ter denunciado na Câmara, em 30 de maio, as eleições de abril, ganhas pelos fascistas à custa de fraudes e intimidações. O crime provocou reações violentas, inclusive nos meios governamentais e ligados ao fascismo. Mussolini, seis meses depois, assumiu demagogicamente a responsabilidade pelos acontecimentos e prometeu punir os culpados.

Afirmei que a origem da crise Matteotti deve ser procurada no conflito entre os elementos oscilantes da grande burguesia no centro e da pequena burguesia na base. O proletariado intervém como elemento decisivo apenas no último momento. Neste momento também intervém uma série de fatores objetivos: fatores econômicos e de classe. Por exemplo, a estabilização, a liberdade de desenvolvimento do capital reforça o capitalismo financeiro, reforça a concentração e a centralização da produção, o que leva ao predomínio, na ditadura fascista, das frações decisivas do capital financeiro.

Entre 1923 e 1926, surgem algumas diferenças que têm repercussões diretas na vida política. O predomínio das frações decisivas do capital financeiro e o fato de terem estas quebrado toda resistência, encontram sua correspondência no campo político, na unificação política da burguesia em bases as mais reacionárias.

Nasce o totalitarismo. O fascismo não nasceu totalitário, mas tornou-se totalitário; tornou-se totalitário quando as frações decisivas da burguesia alcançaram o grau máximo de unificação econômica e, portanto, política.

Também o totalitarismo é um conceito que não vem da ideologia fascista. Se vocês observarem a primeira concepção das relações entre o cidadão e o Estado, encontrarão elementos mais de liberalismo anárquico: protesto contra o Estado que intervém nas coisas privadas, etc. O totalitarismo é, ao contrário, o reflexo das alterações ocorridas e do predomínio do capital financeiro.

Deve-se, aqui, limitar-se apenas a apontar para estes aspectos políticos do problema. Quando se coloca o problema do totalitarismo, vocês devem ver os problemas que se colocavam no período precedente. A burguesia modifica a frente, o fascismo deve modificá-la também. Esta modificação assinala o início de discussões, de lutas, de alterações, no interior do Partido Fascista. Ocorrem fortes discussões no campo do partido e dos sindicatos. No partido a luta se desenvolve em torno do problema das funções do Partido Fascista e das relações entre partido e Estado.

A concepção fascista, a concepção dos quadros fascistas intermediários, extremistas, é a de que o partido deve predominar sobre as organizações do Estado. É o partido o que comanda. Esta é a concepção de Farinacci <sup>22</sup>, segundo a qual o secretário federal deve ser superior ao prefeito.

22. Roberto Farinacci (1892-1945): político e jornalista, um dos fundadores do fascismo. Foi deputado e secretário-geral do Partido Nacional Fascista (1925-1926). Projeteu-se como chefe da Seção Radical Anti-semita e foi executado após a libertação.

Outra concepção é a dos nacionalistas Federzoni e Rocco<sup>23</sup>. Segundo eles, à frente deve estar o Estado, depois o partido, que está subordinado àquele.

Mussolini manobra com estas duas concepções. No período Matteotti, serve-se de Farinacci; quando se coloca o problema do totalitarismo, vai com Rocco e estabelece a fórmula definitiva: tudo no Estado, nada contra o Estado.

Este processo se encerra quando são tomadas as novas providências. O Partido Fascista torna-se um simples instrumento do Estado para a propaganda nacionalista, etc., para ligar ao Estado as camadas da pequena e da média burguesia, para influenciar os trabalhadores.

Mais importante é o problema dos sindicatos. Como se pôe ele? Infelizmente, podemos apenas dar uma indicação. Na questão dos sindicatos, a direção foi 100% alterada.

Tomem as cifras dos inscritos nos sindicatos fascistas. Vejam que, no início, elas são uma soma negligenciável. O fascismo, na época, *não organiza mas desorganiza* as massas. De 1920 a 1923, os sindicatos fascistas organizaram uma centena de mil operários, mas foram milhões os que se afastaram dos sindicatos de classe. O objetivo do fascismo neste momento era desorganizar os operários.

Isto dura até o período Matteotti. O fascismo procura organizar os operários, mas não tem êxito. Entretanto, quando se pôe o problema do totalitarismo, quando o fascismo se encaminha para a organização totalitária do Estado, a fachada muda. O fascismo deve então organizar os operários em seus sindicatos. Não pode mais limitar-se a afastá-los dos sindicatos de classe, mas deve organizá-los por conta própria.

Como foi resolvido este problema? Também aqui existem muitas partes. A base da solução encontra-se na lei de 1926, que instaura o monopólio sindical, destrói as comissões internas, etc. Com base neste monopólio sindical tem início a suposta conquista das massas.

É preciso notar que uma última modificação ainda aconteceu. O totalitarismo de 1926, 1927, 1928, não é aquele de 1931. Esta última modificação foi provocada pela modificação da situação econômica do país, pela crise da economia italiana.

23. *Luigi Federzoni* (1878-1967) e *Alfredo Rocco* (1875-1935): importantes políticos nacionalistas, fundadores, em 1910, da *Associazione Nazionalista Italiana*. Federzoni, entre 1923 e 1928, ocupou vários cargos ministeriais. Rocco, catedrático de Direito em Pádua e Roma, foi o autor, como Ministro da Justiça, das *leggi fascisticissime*, leis absolutamente fascistas, em 1926. A *Associazione* (Partido Nacional) fundiu-se com o Partido Fascista em 1923, como se refere mais à frente Togliattá.

Quando começa esta crise? Ela começa em fins de 1929, começo de 1930. Mas sempre destacamos que os sinais precursores encontram-se já em 1927. São sinais aos quais corresponde um desenvolvimento das contradições econômicas provocadas pelo desenvolvimento do aparato produtivo, pela concentração industrial, etc., por todo o desenvolvimento técnico, organizativo, do capitalismo. A isto, num certo momento, corresponde uma incapacidade de venda. Em 1926, põe-se agudamente o problema da redução dos custos de produção e, por isso, a ofensiva contra os salários torna-se uma necessidade.

O fascismo não abandona mais a via do totalitarismo. Ela se torna uma necessidade. A luta contra a classe operária desenvolve-se plenamente, continua até hoje.

Quando a crise, em fins de 1929, assume formas mais agudas, o problema é outro. Não basta mais desorganizar as massas, é necessário algo diferente. A separação das massas do regime iria significar a limitação das bases de massa do fascismo. E este problema, no momento atual, torna-se extremamente agudo.

Intervem, portanto, o segundo aspecto da política fascista: a política de massa. Esta é uma necessidade imposta à burguesia italiana pela situação econômica e pelas relações de classe, para que seja possível enfrentar as fraturas de suas bases de massa e contrapor-se ao desenvolvimento de movimentos contra o fascismo.

A situação está, de 1930 até hoje, aparentemente estagnada. Mas o problema é agudo. Esta agudeza reflete-se nas múltiplas deslocações, nas substituições de dirigentes (*cambi della guardia* \*), etc.

Entre estas substituições, uma é decisiva: a liquidação de Rocco na metade de 1932. Ela significa uma modificação no caráter do totalitarismo fascista, assinala o início da assim chamada política popular.

Neste momento, o fascismo faz um enorme esforço para trazer as massas para suas organizações, para mantê-las ligadas ao aparato da ditadura. Estes problemas da organização do Partido Fascista, dos jovens, dos sindicatos, põem-se sempre sob o ponto de vista totalitário, mas de um modo um pouquinho diverso.

O que procurei demonstrar nas lições de hoje e de ontem é que não se deve considerar o fascismo como algo definitivamente caracterizado; que se deve considerá-lo em seu desenvolvimento, nunca fixo, nunca como um esquema, como modelo, mas sim como consequência de uma série de relações econômicas e políticas reais,

\* *Cambio della guardia*: substituição autoritária de dirigentes de organismos públicos ou de partidos políticos que estão no poder. A expressão, evidentemente associada à idéia de "troca da guarda", era muito comum no período fascista, para designar as constantes trocas de dirigentes.

resultantes de fatores reais, da situação econômica, da luta das massas.

É um erro pensar que o totalitarismo nos fecha o caminho da luta. É um erro pensar que o totalitarismo veda às massas o caminho da luta pelas conquistas democráticas. É um erro. É exatamente sobre este terreno que o fascismo tenta nos colocar. Ele tenta nos fazer crer que tudo está concluído, que se ingressou num novo período, no qual nada mais resta a fazer senão colocar-se em seu terreno.

A menor concessão a este ponto de vista deve ser vigorosamente combatida. Todo desenvolvimento da luta das massas reabre o problema da ditadura fascista. Bastaria multiplicar os movimentos de massa que hoje se verificam para provocar novas modificações nesta ditadura. A cada impulso das massas há uma tendência do fascismo em modificar a própria fachada. Já vimos isto.

A concepção de fascismo que venho ilustrando deve estar na base de toda a nossa política. É apenas sobre a base de uma tal concepção que se pode determinar uma justa linha política.

*O totalitarismo não fecha ao partido o caminho da luta, mas abre caminhos novos.*

Erramos nós, que nem sempre conseguimos compreender rapidamente os novos caminhos que o fascismo nos abre para a luta.

Este é um defeito de análise e de incapacidade política. Mas, na medida em que o partido consegue compreender isto, consegue colocar em discussão o problema da ditadura fascista.

Creio que não será fácil os companheiros compreenderem bem o que pode ser, o que significa hoje a existência, na situação italiana, do Partido Fascista, se não levarem em conta as exposições que fiz antes e especialmente o que eu disse da situação antes da chegada do fascismo ao poder e mesmo antes da guerra, no que se refere à organização política das forças da burguesia.

A burguesia jamais possuiu uma forte organização política unificada, jamais tivera uma organização sob a forma de um partido. Esta é uma das características da situação italiana de antes da guerra. Vocês não encontram, antes da guerra, uma organização política burguesa que tenha o nome e o caráter de um partido político no sentido de uma organização nacional, centralizada, ligada às massas e com um programa e uma linha de ação determinados e uniformes para toda a extensão do país. Façam um esforço para encontrar uma tal organização. Será inútil, vocês não a encontrarão.

Esse fenômeno político é uma consequência direta da estrutura da economia italiana. Essa fraqueza política é uma consequência do fato de que a grande indústria, embora sendo de certo ponto de vista predominante, ainda não está à altura de regular toda a vida econômica da nação. Na economia italiana, a agricultura tem ainda um peso muito grande e as camadas intermediárias, extremamente numerosas, que desempenham um grande papel, têm um peso considerável.

Por mais que procurem, não encontrarão na Itália uma situação como a que podem encontrar, por exemplo, na Inglaterra, onde existem dois partidos típicos, o liberal e o conservador, que têm um caráter de solidez, possuem um programa, têm uma linha política aplicada em escala nacional, têm uma disciplina e se revezam no poder. Na Itália não há nada disso.

Há, ao contrário, na Itália, toda uma série de partidos e de grupos políticos que não conseguem assumir uma fisionomia de par-